

# PAULO B

Um perfil em mosaico,  
um glossário em aberto

ÂNGELA MARQUES  
BRUNO SOUZA LEAL  
ELTON ANTUNES  
(ORGANIZADORES)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P331

Paulo B [recurso eletrônico] : um perfil em mosaico, um glossário em aberto / Organizadores Ângela Marques, Bruno Souza Leal, Elton Antunes. – Belo Horizonte, MG: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. 235 p.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86963-08-3

1. Vaz, Paulo Bernardo Ferreira — Biografia. 2. Comunicação — Pesquisadores — Biografia. I. Marques, Ângela. II. Leal, Bruno Souza. III. Antunes, Elton.

CDD 920

Elaborado por Maurício Armormino Júnior – CRB6/2422

CRÉDITOS DO E-BOOK

© PPGCOM/UFMG, 2020.

CAPA E PROJETO GRÁFICO  
Atelier de Publicidade UFMG  
Bruno Guimarães Martins

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO  
Daniel Melo Ribeiro

DIAGRAMAÇÃO  
Gracila Vilaça

IMAGEM CAPA  
Artista: Daisy Turrer  
Fotógrafo: Icaro Moreno

O acesso e a leitura deste livro estão condicionados ao aceite dos termos de uso do Selo do PPGCOM/UFMG, disponíveis em:  
<https://seloppgcom.fafich.ufmg.br/novo/termos-de-uso/>

SENSIBILIDADE

## Frutos na terra ou a educação pela sensibilidade

BRUNO SOUZA LEAL

*Professor e pesquisador em Comunicação*

Eu também fui aluno do Paulo B Acho que ele não se lembra disso. Não fui um bom aluno, no início de sua atuação como professor na Comunicação da UFMG, na década de 1980, perdendo-me entre régua, paucas e papéis. Isso não é dizer que não venho, desde então, aprendendo com o Paulo e, com ele, creio ter me tornado um professor e um pesquisador melhores. Ao longo dos anos, o Paulo me inspirou e se tornou uma referência em algumas de suas posturas, qualidades e atitudes e é sobre uma pequena parte delas que trata este texto.

Quando conheci o Paulo B, na segunda metade dos anos 1980, ele estava de volta ao Brasil, após um período em ele que foi pobre em Paris (e quando ele fez seu doutorado), tendo iniciado sua carreira docente — pelo que sei — na então Universidade Católica de Minas Gerais. Começou a trabalhar na UFMG como uma espécie de professor substituto, tendo inclusive ficado meses sem receber até que uma série de pendências administrativas se resolvessem. Ele era na época um dos dois professores doutores do Departamento de Comunicação. E eu estranhava, na ausência de um debate acadêmico mais substantivo no

curso de graduação, as atitudes do Paulo, sempre nos mandando ver, ler, tocar, pegar, imaginar. Esperava não sei bem o que, talvez um professor-doutor nos moldes de estereótipos e clichês da indústria cultural. Paulo B, bem sabemos, está longe dessas imagens óbvias – e nem um pouco preocupado com isso! Hoje, tenho consciência de minha ingenuidade e da sofisticação do gesto do Paulo, algo que cresceu à medida que minha experiência docente foi se desenvolvendo.

Num período em que lutávamos para termos nossas sexualidades “desviantes” reconhecidas em sua legitimidade; num contexto em que a Aids provocava pânico e temor e era usada como flagelo por parte de setores conservadores; em tempos em que mesmo a Fafich e a Comunicação tinham docentes e estudantes com explícita dicção preconceituosa (hoje chamamos de homofóbica), o Paulo era elegantemente, assumidamente, independentemente, divertidamente gay. Não era o nosso único professor gay e os outros tiveram muito impacto em mim, em especial o generoso, erudito e por vezes imprevisível Geraldo Maia. O Paulo me surgia então como enigma: como alguém podia ser assim, exalar tranquilidade, segurança e liberdade no exercício de seus afetos e de sua sexualidade (eu ainda tão incerto, inseguro e preso)?

Assim, meio conhecendo sem conhecer bem, reencontrei, depois de graduado, algumas espaçadas vezes com o Paulo, em situações acadêmicas e sociais diversas. Numa dessas ocasiões, aliás, ele, já morando no centro da cidade, fez um longo desvio até o Carlos Prates, em seu carro, um fusca muito estimado, para deixar em casa um jovem ex-aluno em estado alcóolico pouco elegante. Voltei a conviver com ele, com regularidade, quando me tornei professor do Departamento de Comunicação, algo que, em anos anteriores, nem sequer cogitava. Ao todo, são hoje mais de 18 anos de convívio profissional e afetivo com o agora meu colega. E fica cada dia mais nítido um aprendizado que eu sei que não se interromperá e que se renova cada vez mais carinhosamente.

### **Nathanael e o aprendizado da sensibilidade**

Tocar, pegar, ler, imaginar, constituir repertórios. Todos que conviveram com o Paulo já ouviram, de diferentes modos, essas diretivas. Para muitos, pode parecer uma espécie de elogio a um

empirismo *naïf*, de ausência de método, de rigor, de pensamento. A esses e essas, eu só posso oferecer tristeza e meus lamentos, por não saberem reconhecer atitudes e qualidades acadêmicas únicas. Sempre trabalhando com a cultura visual e do impresso, Paulo entendeu e nos ensinou que não basta a informação, a teoria ou o conceito. É preciso repertório, porque ele nos abre possibilidades de ver e saber; é preciso disponibilidade, para conhecer, descobrir e, especialmente, encontrar: imagens, textos, mundos, pessoas, histórias, olhares, épocas. É preciso sensibilidade, antes de tudo. E a “ausência de método” do Paulo revela-se então como um delicado, cotidiano, generoso estímulo ao cultivo da sensibilidade. Como sabemos, a percepção e a sensibilidade são simultaneamente físicos, cognitivos e culturais e é por isso mesmo que é importante desenvolvê-los, estimulá-los. É preciso então experimentar, *ter experiências*.

Em algum momento já nos anos 2000, Paulo, então professor da “Oficina de criação visual”, à época disciplina do primeiro ano da graduação, se viu diante de um desafio: um dos alunos era cego. Como ensinar criação visual para quem não vê? Ficamos sabendo então que Paulo dedicou parte do tempo das aulas a esse aluno, a quem pedia – como a todos os demais – para tocar e sentir texturas, gramaturas, densidades; pedia para escutar e visualizar; pedia para cultivar ouvidos, tato e olfato, para produzir imagens mentais e entendimentos acerca de cores e formas. O aluno, pelo que sei, adorou as aulas, adquiriu habilidades e competências imprevistas. Ao convocá-lo ao toque, à escuta, Paulo o tratou como a cada um dos seus alunos, ensinando que sensibilidade se aprende e se cultiva. E que isso deve, só pode ser feito, de modo livre, aberto, em respeito à individualidade e à história de cada pessoa. Não há “método”, nem regras e sim princípios: éticos, de respeito ao outro; estéticos, de elogio à liberdade e ao gesto criativo; pedagógicos, de tornar a experiência sensível uma estratégia de aprendizagem; de comunicação, com a apresentação franca e aberta de valores, comportamentos e ideais.

O olhar cultivado faz muitos definirem o Paulo como um erudito ou, como ouvi uma vez, um “esteta”. Pode ser, pois não há dúvida quanto ao seu vasto repertório e conhecimento, quanto aos seus hábitos de leitura

e com as artes, quanto à visão esteticamente sensível, por vezes inesperada, que traz acerca de pessoas, situações, acontecimentos. Para mim, chama ainda a atenção como esse cultivo à sensibilidade gera reflexões e percepções que materializam, renovam ou deslocam teorias e conceitos. Diante de (mais uma) página de jornal, de (mais uma) foto de um acontecimento frequentemente noticiado, é preciso ter olhos para ver um cristo descendo da cruz na imagem de um presidiário morto sendo levado por seus colegas. Nas fotos e descrições de mulheres que sofrem com a violência de gênero, é preciso repertório e uma sensibilidade cultivada, inquieta, para reconhecer a *imagérie* e a tradição das santas sofredoras e mártires católicas. No que poderia ser visto como um mero *insight*, se fazem presentes intertextualidades, museus imaginários, atlas; experiências estéticas, fraturas, contrapelos; emergem dinâmicas culturais, formações históricas, posicionamentos políticos. Vários de nós somos capazes de discorrer sobre esses temas, conceitos e relações; poucos sabem fazê-los valer e atualizá-los.

É comum ouvir dos orientandos do Paulo, da graduação ao doutorado, ao menos duas falas: uma sobre o “mergulho”, o “namoro”, o “olhar imersivo” no fenômeno sobre o qual se quer elaborar uma reflexão, de capas de revistas ou de livros a pôsteres, de foto de jornal ou de livros didáticos, de objetos artísticos a outros mais vulgares; a outra é sobre uma angústia. “Olhar para quê?”, “Ver o quê?”, fazer o que com esse namoro? Acredito ser parte de qualquer processo de orientação a valorização de alguns momentos de, sim, angústia e de incerteza em mestrandas e mestrandos, doutorandas e doutorandos por vezes muito seguras ou excessivamente pragmáticos. Não estou certo se esse algum dia foi o propósito do Paulo. Ao indicar esse movimento em aberto em direção ao fenômeno, Paulo simultaneamente demandava autonomia de pensamento e instigava encontros e descobertas. “Namorar” o texto, as imagens, os produtos, é colocar-se à deriva, deixar-se instigar, deslocar, por formas e fazeres eles mesmos portadores de conhecimentos e de histórias. O olhar nunca é *naïf*, nunca é puro; as coisas não são meros exemplos ou demonstrações daquilo que alguém já sabe ou que acabou de aprender; elas também têm vida e nos ensinam. É preciso sensibili-

dade para abrir o olhar; é preciso inquietação para ver; é preciso generosidade para encontrar, surpreender-se... e pensar.

### **Nathanael e o aprendizado da franca impaciência**

Um adjetivo muito frequente associado ao Paulo B diz de sua proverbial falta de paciência. Ele parece sempre estar correndo entre uma tarefa e outra, sem nenhuma pachorra para reuniões demoradas, informes longos ou diagnósticos (quase) tautológicos. Há quem tenha ouvido falar e até difundido as tecnologias do Paulo para lidar com (suportar, se esquivar, escapar, interromper...) esses momentos! Eu certamente o fiz! Se a impaciência é uma marca, seria um equívoco entender que ela estaria ligada à irresponsabilidade. Paulo é francamente impaciente e essa franqueza diz, ao contrário, de um grande compromisso com os tempos próprios e dos outros. Diz também de seu humor.

Anos atrás, após um período de trabalho em Braga, no norte de Portugal, em função do convênio de pesquisa com a Universidade do Minho, nos vimos, ele, eu e Elton Antunes, com um dia livre antes do retorno ao Brasil. Alugamos um carro e fomos a Santiago de Compostela, que nós já conhecíamos, cerca de 1h30 da cidade portuguesa. Sugeri então que fôssemos também à Finisterra, um dos pontos finais do Caminho de Santiago, no extremo ocidental da Península Ibérica. A viagem demorou um tanto, por entre vilas e estradinhas da Galícia. Passei a ida e a volta “sofrendo” com a impaciência do Paulo diante da demora para chegar e da despreensão de Finisterra: um pequeno farol, uma lanchonete e um monte baixo que se precipita em direção ao mar. A impaciência rendeu momentos de muito riso e extravasou a demora (e logo o cansaço) que todos sentíamos, em função da semana de trabalho e da viagem. O passeio foi muito agradável, com algumas descobertas interessantes. Mas Paulo não ia deixar passar a oportunidade...

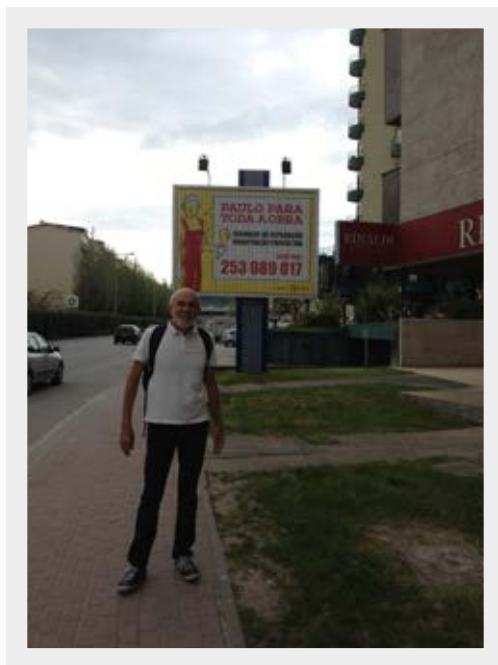


FIGURA 1: Paulo B.

FONTE: arquivo pessoal de Bruno Souza Leal.

Se vi o Paulo sendo muitas vezes brincalhão, frequentemente discreto em relação às disputas e tensões da vida acadêmica, acompanhei, com regularidade, sua impaciente franqueza ao assumir posturas, em defender posições que entendia serem as mais corretas; em dizer, sem papas na língua, o que ele achava que precisava ser dito a quem ele gostava, se preocupava, se interessava. Alunas e alunos da graduação, da pós-graduação, colegas e amigos creio que sabem e assim esperam. Em correria, inquieto, em movimento (nem que seja em razão desta ou daquela série, livro ou filme), aparentemente apressado, Paulo manifesta, sempre que entende ser necessário, um cuidado, uma atenção, um olhar comprometido com o outro. Já vi Paulo aborrecer-se com disputas de poder comezinhas e delas se afastar; já vi, também, ele contrariar supostas hierarquias e defender colegas, explicitar críticas a pessoas próximas de quem discordava; já o vi abrigar e apoiar quem (se) perdeu (n)essas disputas, mesmo às vezes delas discordando; e o vi



cuidar, orientar, aconselhar, sugerir. A impaciência do Paulo pode ser confundida com falta de educação, idiossincrasia ou mesmo irresponsabilidade. Para mim ela é franqueza e cuidado, que têm como baliza ou fundamento a valorização da autonomia e da independência sua e dos que com ele se relacionam.

O cuidado do Paulo com seus orientandos e essa valorização da autonomia leva a atitudes na contramão do que muitos fazemos na pós-graduação. Parece óbvio que quando um de nós tem uma boa orientanda ou um bom orientado de iniciação científica, de tcc ou de mestrado que queiramos manter esse diálogo no nível seguinte de formação (mestrado, doutorado, pós-doutorado...). Mais de uma vez, porém, ouvi o Paulo dizer da importância de “liberar essa menina” ou “liberar esse menino”, algo que ele não só fez como estimulou. Diante de alguém com potencial para o mercado ou a vida acadêmica, o Paulo estimula a abertura de diálogos, de caminhos, de parcerias para além daqueles que já se tem ele. Vai fazer mestrado com XXX, vai tentar doutorado na universidade XX, olha, já leu XX, tem a ver com vc...Algumas das pessoas que escrevem neste livro e que foram orientadas pelo Paulo sabem o quanto ele os estimulou a buscarem seus caminhos próprios, mantendo e às vezes até mesmo ampliando os canais de contato e diálogo entre eles.

### **Nathanael e a independência**

Independência implica autonomia, mas não afastamento ou descompromisso. Aos meus olhos, vejo no Paulo a independência ser exercício da liberdade de pensamento e de ação, da alegria de viver e como uma forma afetiva de diálogo. Pois, da mesma forma que o Paulo é livre para estimular suas orientandas, seus orientados e parceiros a trilharem caminhos únicos o é também para tomar partido, para defender, abrigar, aconselhar, com desinibição, franqueza, afeto...e diversão.

Na década de 1990, quando a Comunicação assistia o retorno de professores recém-doutorados, o que viabilizou a criação do programa de pós-graduação, havia também festas e encontros artísticos e culturais. Num desses, o Paulo foi, já de barba branca, vestido de rosa da cabeça aos pés, atendendo então pelo nome de Pink Freud. Ele também

já criou uma personagem histórica, Tia Stella, uma dama – belíssima, diga-se de passagem – latifundiária do interior de Minas, conservadora e aristocrática. Não tive o prazer de confraternizar com Tia Stella, mas ouvi suas histórias saborosas da boca do Paulo. Liberdade é também irreverência.

Em função dos 500 anos da chegada de Cabral ao Brasil, o Gris começou uma grande pesquisa sobre imagens do país na mídia. Paulo optou, nesse grande guarda-chuva, por pesquisar as imagens das pessoas negras em livros didáticos, mobilizando operacionalmente o “museu imaginário” e chegando a procedimentos, percepções e reflexões inéditas. Não havia, na Comunicação da UFMG, um histórico de pesquisas em torno de questões étnico-raciais e já me perguntei, algumas vezes, o que deu no Paulo para ir por esse caminho. Até hoje, cito em aulas e eventos algumas conclusões e achados dessa pesquisa. Não me lembro de ter perguntado isso a ele. Surpreende até hoje a ousadia de tocar num tema tão complexo, num ambiente que era um relativo deserto de reflexões semelhantes. Liberdade é também coragem.

No final dos anos 2000, Paulo e Christa conversavam sobre um projeto de pesquisa conjunto. À época, estávamos todos ainda no Gris (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade), mas em subgrupos distintos (eu no Poéticas – o gris-en-scène – e ele no Culturas do impresso, ou grispress). Ele me chama para participar desse projeto, que virou um Capes/Procad, o que me surpreendeu imenso. Não éramos tão próximos assim e o convite foi para mim um estender a mão gentil e aberta, que me comove e me estimula até hoje. Trabalhamos juntos nesse projeto e em alguns outros depois dele. Aprendi muito nessas pesquisas, mas creio ter aprendido mais com o gesto generoso de abertura e disponibilidade. Vi esse mesmo gesto se materializar outras vezes, em outros momentos, com outras pessoas. Liberdade é também confiança.

Já nos anos 2010, com o Paulo já aposentado e atuando como voluntário na pós-graduação, eu, Elton e Carlos Alberto conduzimos uma longa pesquisa sobre jornalismo e a cobertura da violência contra a mulher. O Paulo, de início, dialogou com a proposta e participava, de modo mais circunstancial, das reuniões e discussões. Uma das etapas mais avançadas da pesquisa envolvia entrevistas com mulheres agre-

didas, conduzidas então pelas pesquisadoras da equipe, e com homens agressores, sob responsabilidade da ala masculina. O Paulo esteve não só muito presente nesses momentos, como mostrou-se fortemente mobilizado e afetado pelo que fazíamos e com o que nos deparávamos. Lembro-me de algumas conversas entre nós, que então nos esforçávamos para lidar com uma situação tão complexa e tão delicada, nas quais o Paulo se mostrava inquiridor, estupefato, incerto e inquietado. Liberdade é também juventude.

Não consigo pensar no Paulo, aliás, sem vir à mente juventudes e grande belezas. *Joie de vivre* é a melhor expressão. Essa alegria de viver está, no Paulo, conectada à franqueza, à liberdade, ao prazer, à impaciência em relação às chatices da vida e, para mim, antes de mais nada à sensibilidade. Se em algum momento essa disponibilidade, essa liberdade de se abrir ao sensível, às formas, à descoberta, ao cultivo da beleza da vida me pareceu enigmática, tenho hoje consciência que ela é, antes de tudo, encantadora (e invejável, sem dúvida). Por isso mesmo, fonte constante de aprendizado...

\*\*\*

Escrever este texto foi um desafio. Encerrá-lo é impossível. Não há como por ponto final em uma relação em aberto, mesmo em um desprezioso perfil de alguém tão caro. De enigma a parceiro, de franco a carinhoso, de impaciente a livre, de compromissado a independente, de *bon vivant* a educador, Paulo mantém-se como uma referência única e inesgotável de amigo, de parceiro, professor, de pesquisador e de colega, cuja permanência em minha vida e na de várias pessoas é necessária e, sim, sempre cultivada.